

SIMPÓSIO AT069

DISCURSIVOS LUSÓFONOS: QUESTÕES METAFÓRICAS

PADOVANI, Micheline Tacia de Brito
PUC/SP – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
mtbpadovani@gmail.com

Resumo: O presente trabalho objetiva analisar metáforas discursivas como procedimento semântico discursivo e como veículo de redescoberta e de transmissão de elementos culturais, históricos e sociais de indivíduos lusófonos em obra lusófona/angolana. Nos fundamentaremos em: Cano e Palma (2012), Bakhtin (2003), Lakoff (1989 e 2002), Zanotto (1995), entre outros. A relação entre identidade cultural e metáfora revela-se estreita, pois une razão e imaginação, caracterizando-se como um fenômeno de pensamento e ação, essencial para a linguagem literária.

Palavras-chave: Angola; Metáfora; Cultura; Discurso lusófono.

Abstract: The present work aims to analyze discursive metaphors as a discursive semantic procedure and as a vehicle for rediscovering and transmitting cultural, historical and social elements of lusophone individuals in Lusophone / Angolan works. We will be based on Cano and Palma (2012), Bakhtin (2003), Lakoff (1989 and 2002), Zanotto (1995), among others. The relation between cultural identity and metaphor reveals itself to be close, because it unites reason and imagination, characterizing itself as a phenomenon of thought and action, essential for literary language.

Keywords: Angola; Metaphor; Culture; Lusophone speech.

Introdução

A língua portuguesa em contexto social angolano não funciona só como um veículo político-administrativo, mas, sim, como elemento propagador para a promoção da unidade nacional, tornou-se o meio de comunicação nos diversos cenários cultural e histórico-social. É nesse contexto histórico social que as metáforas discursivas aparecem como procedimento semântico discursivo, utilizadas para a redescoberta e a transmissão de elementos culturais, históricos e sociais de indivíduos lusófonos.

Assim, a obra *Quantas madrugadas tem a noite*, de Ondjaki, aponta diversidades múltiplas do sujeito lusófono, que auxiliam para a compreensão

do contexto e da produção literária de Angola. Dessa forma, por meio das metáforas discursivas e da literatura, é possível apontar a riqueza linguística, oriunda da cultura local e que demonstram que o contexto social de Luanda, reflete a cultura, a memória do povo. Cano e Palma destacam que:

a metáfora como processo cognitivo (...) mostra-nos que o ser humano, quando vivencia novas experiências e necessita representá-las cognitivamente, utiliza processos associativos fundamentados na semelhança ou na analogia, aproximando domínios diferentes da realidade (p. 161).

Sendo assim, é possível dizer que as metáforas discursivas possibilitam deslocamento de valores significativos de uma palavra para outra, destacando um dado histórico-social em contexto sócio histórico, propício à troca de valores lusófonos, a narrativa é lugar de encontro de vários discursos, várias etnias ou mesmo de língua.

1. A metáfora e o texto literário lusófono

A metáfora nesse trabalho é concebida a partir dos estudos do século XX, que propõe que a metáfora “une razão e imaginação, isto é, uma racionalidade imaginativa, essencial tanto para a ciência como para a literatura” (ZANOTTO, 2002, p. 22). Conforme aponta Zanotto e Palma (1998, p. 168), a metáfora é (...) uma operação cognitiva fundamental, constitutiva da linguagem e do pensamento”. Em consonância com a teoria sobre a metáfora discursiva, Lakoff e Johnson (2002) destacam que a metáfora apresenta a ideia de que o pensamento humano é estruturado metaforicamente. Diante dessa visão, a metáfora deixa de ser vista só como uma figura de linguagem, e passa ser vista como um fenômeno de pensamento e ação linguística.

É importante destacar ainda que, a teoria da metáfora conceptual salienta que as metáforas produzidas em contexto social são metáforas culturais, resultantes de mapeamento de domínios: origem e alvo. Lakoff exemplifica o mapeamento com a metáfora “o amor é uma viagem”, para demonstrar que *viagem* é a origem e *amor* é o alvo. Ao propor o mapeamento o autor enfatiza a estruturação de forma sistemática, em que há correspondências ontológicas.

Essa vertente teórica mostra que as metáforas conceptuais estão na linguagem cotidiana e na linguagem poética e literária. O que torna possível a compreensão de conceitos metafóricos em texto literários ou poéticos. Para Lakoff & Turner (1989),

grandes poetas podem nos comunicar, porque eles usam os modos de pensamento que todos nós possuímos. Usando as capacidades que compartilhamos, os poetas podem iluminar nossa experiência, explorar as consequências de nossas crenças, desafiar os modos como nós pensamos e criticar nossas ideologias. Para entender a natureza e o valor da criatividade poética, nos é necessário compreender os modos como nós pensamos cotidianamente (p. XI-XII).

Na literatura lusófona angolana, a presença das metáforas conceptuais não está apenas na linguagem cotidiana, mas também na poética/literária como forma de manifestação cultural e social. A metáfora realiza-se no interior de uma prática discursiva, que inscreve-se em contexto histórico-social. Para Pêcheux (1990, p. 56), “toda descrição (...) está firmemente exposta ao equívoco da língua: todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, ao deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro”, é esse processo metafórico de deslocamento de sentidos que encontra-se na narrativa de Ondjaki.

Sendo assim, a metáfora é um fenômeno discursivo de valor cognitivo, conforme aponta Zanotto (1990, p. 16): “(...) a metáfora visa ser um fenômeno essencialmente discursivo, no qual o sujeito encontra o espaço de liberdade ao subverter as regras da língua para inscrever sua subjetividade criativa (...)”.

Como fenômeno discursivo, a metáfora apresenta-se em contexto social e cultural, podendo conter marcas culturais de seu criador/enunciador e o receptor/enunciatário, ambos inseridos em contexto cultural e social, revelando o universo em que vivem e suas relações com o mundo. Zanotto enfatiza que “(...) as metáforas da vida cotidiana, que regem nosso pensamento e nossa ação, são na verdade conceitos metafóricos que se manifestam de diferentes maneiras na língua (...)” (1998, p. 15).

2. A linguagem metafórica em Ondjaki

Em *Quantas madrugadas tem a noite*, Ondjaki, traz à tona questões que podem ser discutidas a partir de reflexões sobre o contexto angolano no período de contemporâneo. Com linguagem metafórica e poética, o narrador situa o leitor quanto a localização do enredo, trata-se de Luanda, capital de Angola. Há uma interação metafórica entre narrador e leitor, que é conduzido para uma mesa de bar na qual o narrador está sentado, tomando cerveja e contando histórias do presente e do passado de Luanda.

A linguagem literária é utilizada, também, para fazer denúncias sócias que podem passar despercebidas ao leitor iniciante em literatura de denúncia, pois os recursos linguísticos utilizados permitem que a crítica e denúncia social pareçam fatos cotidianos. Além disso, a linguagem metafórica e poética revela personagens estereotipados: um albino, um anão novo rico, um morto chamado AdolfoDido, kota que é uma mulher que assassinou a abelha rainha e tornou-se a chefe da colmeia, um cão assustador. Com exceção de AdolfoDido e Cão, todos os personagens são apresentados com os nomes escritos em letra minúscula, isso ocorre para que o leitor possa inferir a importância social de cada um. Com isso, pressupõe-se que existe uma relação *status* social e identidade marcada pelo nome de cada personagem. Fato enfatizado nas histórias contadas pelo narrador por meio de metáforas literárias. Convém destacar ainda que, as histórias e a metáforas demonstram o desassossego social causado pela guerra civil, pela AIDS e por todos os problemas existentes na sociedade luandense.

3. Metáforas ontológicas e metáforas imagéticas

A presença de metáforas conceptuais no romance *Quantas madrugadas tem a noite*, também denominadas de metáforas cotidianas, são utilizadas para revelar uma sociedade pós guerra colonial, mas sem o tão sonhado ambiente de paz e liberdade. As metáforas ontológicas são utilizadas para compreender abstrações como eventos, atividades, ideias, ações e emoções, que são metaforicamente expressas como entidades, substâncias ou objetos. A personificação é um tipo de metáfora oncológica, que está associada a dois tipos: coisificar e personificar. O narrador faz uso da metáfora oncológica para

exemplificar a ideia de tempo e suas emoções em relação ao local em que vive, “(...) Desde candengue que ando então a ver as nuvens dançar nas peles do mar, e me pergunto:” (p. 11).

No texto literário tem-se, também, uma forma metafórica de coificação relativamente comum em Ondjaki em: “(...) de onde eu venho é muito longe, por isso, juro mesmo, nasci de novo. Vou te confessar: espanto é só aquilo que ainda nunca tínhamos vivido com a nossa pele!” (p. 11), há uma projeção metafórica de lugares são entidades capazes de salvar vidas.

Entre as metáforas oncológicas, encontramos, ainda, na narrativa de Ondjaki, a metáfora de personificação que possibilita ao leitor visualizar o contexto social de Luanda no período da colonização portuguesa, as metáforas literárias nesse caso, destacam a exploração dos habitantes nativos de Luanda no período colonial. Sendo assim, “(...) agora num faz nada, as abelhas trabalham pra ela, não deste isso na escola?, as abelhas: as operárias, as parteiras, as carregadoras, guarda-as-costas e tudo já, só pra uma abelhazinha, quer dizer, abelhozona, a rainha?” (p.13).

As metáforas imagéticas caracterizam-se por envolverem semelhanças formais entre certas imagens convencionais específicas como objetos, cenas, etc. Essas ocorrências metafóricas conferem ao texto uma linguagem literária e poética. O mapeamento metafórico “Tinham entornado o céu, esqueceram de fechar a torneira, ruas de nossa Luanda a se afogarem no rachar do asfalto e os negrumes em baixo das águas a meterem medo nos ndengues, menos um, apareceu até no telejornal, todo alegre” (p. 30), demonstra que a capital Luanda passou por uma forte tempestade que deixou a cidade em estado de urgência.

No decorrer da narrativa várias metáforas literárias auxiliam no processo discursivo abordando questões referentes a memória, a cultura e a identidade em Luanda. Para tal, exemplificamos com “vida é uma jangada, veículo da curta travessia, temporal...mas: mesmo a jangada afunda” (p. 19) – a imagem da jangada é comparada à vida, indica que o personagem passou por vários processos sociais e culturais, além de dificuldades causadas pela colonização

em Angola “em uma travessia curta”, mas apesar do enfrentamento, a vida acaba e chega a morte, com isso a jangada afunda.

As metáforas literárias apontam que após batalhas sangrentas contra os colonizadores, o recém Estado emancipado sofre com conflitos internos, que dificultam a organização e o desenvolvimento econômico de Angola. O clima de instabilidade política e econômica resulta nas más condições de vida da população, que se vê em meio as disputas de poder que visam interesses políticos e econômicos de outras nações.

Conclusão

Ao analisarmos a obra do escritor angolano Ondjaki, pudemos perceber que a linguagem literária apropria-se das metáforas cotidianas para enfatizar elementos próprios da cultura e da memória local de Luanda. Além disso, constatou-se a existência de uma continuidade entre a linguagem literária, algumas vezes na modalidade oral da língua portuguesa, e as metáforas literárias e as cotidianas.

Dessa forma, concluímos que as aproximações concebem o nascimento das metáforas conceptuais, presentes tanto na vida cotidiana dos personagens da narrativa em Luanda quanto na linguagem literária, apontando formas de ver o mundo e a sociedade.

Referências

CANO, Márcio Rogério de Oliveira; PALMA, Dieli Vesaro. O gênero poema e a dupla face da metáfora: expressão linguística e processo cognitivo. In CANO, Márcio Rogério de Oliveira; PALMA, Dieli Vesaro. **A reflexão e a prática no ensino**. vol. 1. São Paulo: Blucher, 2012. pp. 154-178.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, Mikhail; VOLOCHÍNOV, V.N. **Marxismo e filosofia da linguagem. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Trad. Michel Lhud e Yara F. Vieira. 14.ed. São Paulo: HUCITEC, 2010.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metáforas da vida cotidiana**. Campinas/São Paulo: Mercado de Letras/Educ, 2002.

LAKOFF, George; TURNER, Mark. **More than cool reason: a field guide to poetic metaphor**. Chicago: The University of Chicago Press, 1989.

STREET, Brian. **Literacy in theory and practice**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

PÊCHEUX, Michel. *Discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes, 1990a.

_____. Análise automática do discurso. In: Gadet, Fr. & Tony, Hak. **Por uma análise automática do discurso**. Campinas: Ed. Da Unicamp, 1990b.

_____. **A língua inatingível; o discurso na história da lingüística**. Campinas: Pontes, 2004.

ZANOTTO, Mara Sophia. O processo de compreensão da metáfora na formação dos professores de língua materna. In: PACHOAL E CELANI (org.). **Linguística Aplicada**. São Paulo: EDUC, 1992.

_____. **Metáfora, cognição e ensino de leitura**. D.E.L.T.A., v. 11, n. 2, p. 241-254, São Paulo, 1995.

ZANOTTO, Mara Sophia; PALMA, Dieli Vesaro. Metáfora, cognição e ensino de leitura: o pensar metafórico em sala de aula. In: BASTOS, N.B. (org.). **Língua portuguesa: história, perspectivas, ensino**. São Paulo: Educ, 1998, p. 167-180.

ZANOTTO, Mara Sophia. **Modelos culturais e indeterminação metafórica**. Organon, n. 43, p. 97-118, Porto Alegre, 2007.

_____. **The multiple of 'metaphor' in the classroom co-construction of inferential chains**. D.E.L.T.A., São Paulo, v. 26, p. 615-644, 2010.

_____. Particularidades da metáfora em poemas e implicações para o seu processo de compreensão. In: **Intercâmbio de Pesquisas em Linguística Aplicada**, 18, 2011, São Paulo. Anais... São Paulo: PUC-SP, 2011, p.1-46.

_____. A construção de uma prática de letramento para o ensino e pesquisa de leitura da 'metáfora' em textos literários. In: LIMA, Aldo (org.). **A propósito da metáfora**. Recife: Editora UFPE/Catédra Unesco de Leitura – PUC/Rio, 2014a, p. 193-241

_____. **As múltiplas leituras da metáfora: desenhando uma metodologia de investigação**. Signo, v. 39, n. 67, p. 3-17, Santa Cruz do Sul, 2014b.